



Apresentação

Chegamos ao número 25!

Começando este novo ano de 2024, decidimos, antes de tudo, em nossas capas indicar o repúdio ao desastre social causado pelo fechamento do Teatro Nacional de Brasília, equipamento público divulgado no site da Secretaria de Cultura do DF como “O Teatro Nacional é o maior conjunto arquitetônico realizado por Oscar Niemeyer em Brasília destinado exclusivamente às artes.”¹ Está fechado desde janeiro de 2014, ano que cofres públicos jorraram dinheiros para a conclusão de obras para a copa do mundo organizada pela FIFA mas paga com o sangue dos contribuintes brasileiros². O Teatro Nacional, situado no coração da capital do Brasil, próximo à rodoviária local, há dez anos não abre suas portas para a população do DF e para visitantes. Dez anos! É ridículo. Foi fechado para uma reforma que não aconteceu. E o que temos: técnicos e profissionais da cultura alijados de exercerem sua profissão; público que paga impostos sem acesso àquilo que a Constituição lhe assegura.

1 Link: <https://www.df.gov.br/teatro-nacional-claudio-santoro-2/> Na informação oficial web se lê: “Criado em 14/01/16 às 17h40 | Atualizado em 29/10/18 às 11h25”.

2 <https://www.brasildefatodf.com.br/2021/12/10/fechado-ha-mais-de-7-anos-teatro-nacional-nao-tem-prazo-para-ser-reaberto> .

Para nós do Laboratório de Dramaturgia da Universidade de Brasília (LADI-UnB) as salas do Teatro Nacional foram espaços utilizados em diversas de nossas apresentações, oportunidade única de diálogo entre a Universidade, os técnicos do teatro e o público da cidade³. Destaque para o resultado do processo criativo em torno da reencenação da ópera *Carmen*, de Bizet, apresentada na Sala Martins Penna do Teatro Nacional em 2005. As sessões lotaram; trouxemos democraticamente para dentro do teatro quem estava na fila, para um *Carmen* fora de suas molduras recepcionais recorrentes. No foyer havia uma exposição de fotos de mulheres agredidas por seus companheiros, a partir de materiais de crimes passionais providos pela Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher. No palco, no lugar da *Carmen* sensual, tínhamos, seguindo uma interpretação que acentuava o caso de violência contra a mulher, exposto desde os primeiros sinais de violência verbal até o assassinato⁴.

O primeiro espetáculo elaborado e produzido pelo LADI-UnB foi a comédia *Aluga-se*, em 1998, que, após circular em diversos espaços da cidade de Brasília e do interior de São Paulo, encerrou sua temporada na prestigiosa Sala Villa Lobos do Teatro Nacional, durante o encontro nacional de psicodramistas⁵. Fazer rir, ver o riso ressoando naquela grande sala é algo inesquecível.

Como fizemos diante do incêndio que destruiu o Museu Nacional (*Revista Dramaturgias* n. 8, de 2018) ou durante a pandemia (*Revista Dramaturgias* ns. 13 a 17), as imagens das capas da revista indicam crítica, denúncia, insatisfação, resistência – tudo, menos conformação diante de eventos ou situações da vida real. Assim, no lugar de uma capa que diretamente diga respeito ao dossiê, temos imagem a partir algo que nos afeta e agride. Ou, como no caso das capas das revistas do ano de 2022 (ns. 19-21), para homenagear o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, apresentamos reproduções de quadros de artistas mulheres.

O conjunto de textos especiais deste número da *Revista Dramaturgias* foi organizado pelo professor Paulo Roberto Berton, da Universidade Federal de Santa Catarina, que há anos vem defendendo espaço para o ato específico de se escrever textos teatrais, a partir de uma série de atividades que coordena no “Núcleo de Estudos em Encenação Teatral e Escrita Dramática (NEEDRAM), como Oficinas, seminários, montagens, etc. Uma de suas últimas empreitadas

3 Para essas produções, v. apêndice ao livro *Teatro e música para todos - o Laboratório de Dramaturgia da Universidade de Brasília (1998-2021)* Editora Universidade de Brasília, 2022). link: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/306>

4 V. o programa dessa montagem: https://www.academia.edu/6931808/Carmen_Guia_do_espet%C3%A1culo_Martins_Pena_Teatro_Nacional_de_Bras%C3%ADlia_2005 . V. ainda. o artigo “Repertório Operístico e o LADI-UnB: Realizações e Textos Teóricos” na *Revista Dramaturgias* n. 10, de 2019. Link: <https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/article/view/24873> .

5 V. artigo “A gente nunca esquece que riu e fez rir: Estudos e realizações de comicidade no LADI”, *Revista Dramaturgias*, n.13, de 2020. Link: <https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/article/view/31066> .

foi um pós-doutorado em entre 2022 e 2022 em Viena, centrando-se na WIENER WORTSTAETTEN, “um laboratório de pesquisa criativa independente e uma oficina de textos, como mediador entre os autores e a indústria teatral. E, não menos importante, como um lugar para a cena teatral independente, onde novas formas de autoria e literatura dramática “clássica” se encontram em igualdade de condições”⁶.

Para tanto, Paulo Berton reuniu textos de integrantes desse consolidado projeto europeu de escrita dramática e incluiu artigos que giram em torno das questões do dossiê e da produção de seu núcleo de pesquisa. Em meio à expansão do conceito de dramaturgia, temos contrademandas, tensões, que em muito contribuem para que ortodoxias de qualquer ordem sejam identificadas e debatidas criticamente.

Continuando, temos materiais mais relacionados ao LADI-UnB, a partir, especialmente do legado de Hugo Rodas. Embora tenha nos deixado em 2022, há muito material ainda a ser veiculado, especialmente entrevistas e transcrições de registros filmados. O trabalho de ver e ouvir o mestre é uma forma de estudo, de aprendizagem. Há muitos anos, e a partir do encontro com Hugo Rodas, uma metodologia de estudo a partir de transcrição de áudios e vídeos tem sido desenvolvida no LADI-UnB.

Bom ano e boas leituras!

Marcus Mota

Laboratório de Dramaturgia da Universidade de Brasília

Brasília, 15 de abril de 2024

6 Texto de apresentação do projeto. Disponível em: <https://www.wortstaetten.at/ueber-uns/> No original: “unabhängiges, kreatives Forschungslabor und Textwerkstatt, als Vermittler zwischen AutorInnen und dem Theaterbetrieb. Und nicht zuletzt als Ort der freien Szene, an dem neue Formen der AutorInnenschaft und „klassische“ dramatische Literatur einander auf Augenhöhe begegnen.”